

O negro será de cor?

(Para a edição de Iris sobre "Iconegro", novembro 82).

Fotografias podem ser classificadas em duas categorias: as fotografias em "preto e branco", e as fotografias "em cores". De onde se conclui que o preto e o branco não são cores. Conclusão que surpreenderá a quem classificar a humanidade nas quatro categorias: "pretos", "brancos", "amarelos" e "vermelhos". Não pretendo, neste artigo, discutir o aspecto estético do problema do preto e branco. Sejam ou não sejam cores, estamos fartos de saber que o "preto é belo", (black is beautiful), e que o branco está condenado a carregar o fardo da beleza do preto, (white man's burden). O que pretendo discutir é o aspecto epistemológico do problema. O fato que quem vê o mundo em preto e branco, o vê "distintamente".

Segundo determinada hipótese antropológica, o homem, ("homo sapiens sapiens"), teria surgido, há 50.000 anos, no vale da Dordonha, em duas edições paralelas: o homem preto e o homem branco. Em duas raças: a "puramente preta", e a "puramente branca". Tal pureza original se revelou insustentável, dado o fato que os dois puros se sentiam atraídos um pelo outro. É que os desejos não são puros. Surgiu lamentável mistura, a qual é tanto mais lamentável, quanto é contrária à expectativa. A mistura de pretos e brancos deveria ter dado homens cinzentos. Em vez disto, deu ela em pretos impuros, brancos impuros, amarelos e vermelhos, (para nem falar nos moreninhos, queimadinhos, nos cafés com leite e outras nuances que caracterizam lugares como o é o Brasil e a Índia, e que caracterizarão dentro em breve lugares como o são a Europa Ocidental e os Estados Unidos). Por quê se deu isto? O velho Mendel o explica: se cruzo ervilhas verdes e lisas com ervilhas amarelas e corrugadas, terei pelo menos quatro tipos de ervilhas. É que não existem ervilhas "puramente verdes". Para serem ervilhas, devem, além de verdes, serem ou lisas ou corrugadas. É que não existem homens "puramente pretos". Para serem homens, devem, além de pretos, serem ddocéfalos, ou braquicéfalos, além de inúmeras outras coisas. O puro não existe.

Que pena, que o puro não exista. Que pena que o preto, embora seja belo, não exista. Que pena que o branco, embora encaregado do fardo, não exista. Que pena que a realidade seja suja. Imaginem, por um instante, que exista o preto e o branco. Poderíamos então afirmar que um dado objeto, um dado homem, um dado valor, é ou preto ou branco, e que não há terceira possibilidade, (terceiro excluído). Tal visão do mundo em preto e branco, tal visão maniqueista, é extremamente poderosa. Explica tudo, e sobretudo explica os objetos, os homens, e os valores que não são nem brancos nem pretos. Reduz tais aberrações ao preto e ao branco. A lógica do velho Aristóteles, com sua identidade, diferença e seu terceiro excluído, procura impôr ao pensamento uma forma atenuada de tal maniqueísmo extremamente poderoso. Pois se vocês imaginaram que o preto e o branco existem, que a hipótese antropológica acima mencionada não é loucura, que o ariano puro e a negritude não são ideologias desvairadas, que a lógica aristotélica não é nada mais que ficção da mente, vocês estavam fotografando o mundo em preto e branco.

O preto e o branco não existem. São extrapolações radicais do arco iris. Situações de limite: luz totalmente ausente, e luz totalmente presente. São fic-

ções, abstrações, "ideais", infinitamente aproximáveis, mas jamais realizáveis. Algo pode se aproximar do preto ou do branco, mas jamais o será realmente. Mas o preto e o branco são irrealizáveis por outra razão ainda. Se procurarmos sintetizar o preto com o branco, num espírito de conciliação de extremos, jamais poderem reconstituir o arco iris, do qual abstramos tais dois limites. Teremos produzido o cinzento. Que é a cor da teoria. O preto e o branco são irrealizáveis, porque são puros, são teoria. É por isto que o preto e o branco não são cores, nem raças, nem critérios de valor: são estritamente nada.

O preto e o branco não existem. Mas as fotografias em preto e branco, estas sim, existem. Como existe a lógica aristotélica, o preconceito contra os pretos, visões maniqueísticas do mundo. O preto e branco, o bem e o mal, o verdadeiro e o falso, a direita e a esquerda não existem. Tudo que existe é mistura, "melange adultério", do qual vários limites como o preto e o branco, o bem e o mal, podem ser extrapolados. Mas tais extrapolações, elas também, existem. O preto e o branco não existem como tais, mas enquanto extrapolações existem. E não se diga que tais extrapolações existem "em segundo grau": existem concretamente. Agem. O terceiro excluído não existe, mas a lógica aristotélica deu na ciência moderna. O homem preto não existe, mas a escravidão do negro, filha da extrapolação da negritude, existe. O mundo em preto e branco não existe, mas a fotografia em preto e branco abriu nova visão do mundo.

O que coloca, de chofre, o problema da abstração, da teoria. Fotografias em preto e branco abstraem as cores do mundo, são visões teóricas do mundo. Isto é curioso. As cores existem: tudo no mundo, para estar no mundo, deve ser colorido. E o preto e o branco não existem: nada no mundo pode ser realmente preto ou branco. Pois as fotografias em preto e branco fazem de conta que as cores não existem no mundo, e que só existe nele o preto e o branco. Em outros termos: as fotografias em preto e branco representam o mundo como "deve ser", afim que se possa distinguir nele o preto do branco. O universo das fotografias em preto e branco não é o universo do Ser, mas o universo do Dever-Ser: o universo adequado à razão clara e distinta, à razão discriminadora. Por representarem tal universo, as fotografias em preto e branco fascinam.

Há varios universos deste tipo. O discurso científico representa universo adequado à distinção entre o verdadeiro e o falso. O discurso ideológico representa universo adequado à distinção entre o bem e o mal. O fascínio que emana das fotografias em preto e branco é devido ao fato de elas representarem um universo jamais visto dantes: universo adequado à distinção imaginativa. Até a invenção da fotografia, toda teoria era discursiva. Doravante há teoria imaginística: fotografias em preto e branco. Por certo: vocês podem objetar que toda imagem é "abstrata". Abstrai do mundo a dimensão da profundidade e a do tempo. Mas tal objeção nao vale. Toda imagem anterior à fotografia em preto e branco abstrai, porque a isto está condenada pela sua estrutura. A fotografia em preto e branco abstrai deliberadamente. Quem fotografa em preto e branco, poderia ter fotografado em cores. Escolheu, deliberadamente, abstrair as cores do mundo, escolheu, deliberadamente, a teoria. A fotografia em preto e branco é a primeira teoria deliberada não discursiva.

O que acabo de dizer não é correto historicamente. Quando foi inventada a fotografia, a redução do mundo ao preto e ao branco era imposta sobre a imagem pelos compostos de prata. A visão teórica não era deliberada. Era mais tarde somente que se tornou possível fotografar em cores. Tal primazia histórica do preto e branco sobre a cor em fotografia é reveladora. O processo fotográfico é resultado de várias teorias: óticas, químicas, mecânicas e outras. Tal processo leva primeiro a visão teórica do mundo, e somente mais tarde vai se concretizando. O mesmo se aplica, provavelmente, a todas visões do mundo nascidas de teorias. Já que estamos olhando o mundo através vários óculos científicos, (e não apenas através o aparelho fotográfico), a maioria das nossas visões são teóricas, antes de se tornarem mais concretas. De maneira que nosso problema não é tanto adequar teorias ao mundo concreto, como adequar o mundo concreto às nossas várias teorias.

Mas embora incorreta historicamente, minha definição da fotografia ~~em~~ em preto e branco enquanto visão deliberadamente teórica é correta funcionalmente. O fotógrafo atual pode decidir se vai recorrer, em sua visão do mundo, ao preto e ao branco, ou se vai recorrer a cores. Os critérios da sua escolha são geralmente mais intuitivos que refletidos. Mas todo fotógrafo sabe, seja intuitivamente, seja refletidamente, que fotografias em preto e branco são mais abstratas que as em cores. O fotógrafo escolhe a abstração, ao ter escolhido o preto e o branco. Quem fotografa em preto e branco, engajou-se em tarefa oposta à na qual está engajado quem fotografa em cores. A fotografia em cores visa aproximar-se, o mais perto possível, do universo que representa. A fotografia em preto e branco visa distanciar-se do universo. São duas atitudes existenciais distintas.

No entanto, dizer que a fotografia em preto e branco é abstrata, distanciada, não basta. Quem diz "abstrair", não diz apenas: "distanciar-se de algo", mas igualmente: "recuar rumo a algo". A fotografia em preto e branco mostra visualmente que é possível recuar-se do mundo concreto em duas direções opostas. A sua meta pode ser visão clara e distinta, com nítida diferenciação entre o preto e o branco. Ou pode ser, pelo contrário, visão borrada e indistinta, com fusão do preto e branco em várias tonalidades do cinzento. Ambas são fotografias em preto e branco, ambas são abstratas. Mas são de dois tipos inteiramente diferentes. A fotografia clara e distinta abstrai do mundo concreto rumo às formas puras, a fotografia borrada abstrai rumo à nebulosidade. A primeira visa "teoria" no sentido restrito do termo, a outra visa "ideologia". Creio ser grande falha da crítica fotográfica, se esta não acentua tal ramificação: fotografias em preto e branco que visam a clareza e a distinção exigem critérios diferentes aos exigidos por fotografias em branco e preto que visam nebulosidade.

A tese deste ensaio é que fotografias em preto e branco são a primeira teoria deliberada não discursiva. Permitem pois a crítica que se aproxime do problema da teoretização de angulo novo. O campo que tal crítica deve trabalhar me parece praticamente virgem. O que se impõe é analisar as fotografias em preto e branco, tanto as claras e distintas, quanto as borradas, não apenas do ponto de vista estética, mas sobretudo do ponto de vista da teoria do conhecimento. Por certo: tais fotografias podem ser extraordinariamente belas, provavelmente mais

belas que fotografias em cores. O que explica porque tantos fotógrafos "artísticos" preferem o preto e branco. Mas o importante é perguntar de que beleza se trata? No caso da fotografia clara e distinta, trata-se da beleza da razão, tal como a vivenciamos na ciência exata. No caso da fotografia borrada, trata-se da beleza da intenção, tal como a vivenciamos nas várias ideologias. A beleza das fotografias em preto e branco, se analisada corretamente, permite visualizarmos, não a beleza do mundo, mas a beleza da mente.

Em programa recentemente irradiado pela televisão francesa Fellini procurou explicar as razões que o levam ora a fazer filmes em cores, ora a fazê-los em preto e branco. Depois de ter cantado o louvor da cor, ("a cor é tudo"), caiu visivelmente em si, e admitiu: "quando quero exprimir-me a mim, recorro ao preto e branco". Fellini confundiu o problema, ao introduzir a questão do sonho. Não sei se a questão se sonhamos em preto e branco está elucidada. As drogas parecem sugerir que o mundo onírico é altamente colorido. Mas isto não vem ao caso. O que importa é que para Fellini o preto e branco representa, intuitivamente, o universo da mente. As reflexões precedentes sugerem que a intuição de Fellini é correta. É neste espírito que convido os críticos de fotografias, e os próprios fotógrafos, a encararem as fotografias em preto e branco, e, de um modo mais geral, todas as cosmovisões, inclusive as que têm a ver com o problema do negro, (em fotografia e alhures).